

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LOREDANA GOBATO



1290002813



FE

TCC/UNICAMP G535b

**BUSCANDO O SENTIDO DA AVALIAÇÃO NA PRÉ-
ESCOLA**

CAMPINAS

2005

UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LOREDANA GOBATO

**BUSCANDO O SENTIDO DA AVALIAÇÃO NA PRÉ-
ESCOLA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Márcia Sigríst Malavazi.

CAMPINAS, SP

2005

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	
V:	
TC:	2813
PRC:	1231/2006
C:	X
PREÇO:	
DATA:	24/03/06
Nº CPD:	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G535b	Gobato, Loredana. Buscando o sentido da avaliação na pré-escola / Loredana Gobato. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.
	Orientadores : Maria Marcia Sigristi Malavazi, Luiz Carlos de Freitas. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Educação de crianças. 2. Educação infantil. 3. Avaliação. 4. Instituição escolar. 5. Crianças pequenas. I. Malavazi, Maria Marcia Sigristi. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	05-0209-BFE

AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas que gostaria de agradecer, que temo esquecer-me de alguém... Pois todas aquelas que fazem parte da minha vida, que me conhecem, têm a sua importância em minha formação e merecem o meu agradecimento.

Mas em primeiro lugar, gostaria de agradecer a DEUS, pois sem Ele não teria tido todas as oportunidades que tive de me formar nessa conceituada Faculdade. Agradecer também aos meus pais e familiares, e ao Fernando, que mesmo nas dificuldades sempre estiveram ao meu lado dando a força necessária para continuar e concluir o meu curso.

Agradecer a minha orientadora, professora Dra. Maria Márcia Sigrusti Malavazi, que me aceitou como sua orientanda e que sempre buscou as palavras certas para me auxiliar nesse trabalho, bem como o meu segundo leitor, o professor Dr. Luiz Carlos de Freitas, que aceitou a tarefa de ler esse trabalho e colaborar com o mesmo. As minhas colegas de sala, em especial a Aline e a Bárbara, que também sempre buscaram palavras de consolo nessa luta árdua.

Não posso me esquecer de agradecer as pessoas que trabalham comigo, em especial os meus patrões que sempre que precisei “sair mais cedo” para fazer os meus estágios, disponibilizaram o meu horário de serviço com muito carinho.

E por último gostaria de agradecer a Instituição de Educação Infantil a qual realizei o meu trabalho de campo, desde a diretora, professora, crianças, pais até a merendeira, a guardinha, a comunidade como um todo.

OBRIGADA POR TUDO, PORQUE SEM VOCÊS EU NÃO
CONSEGUIRIA!!!!!!!

SUMÁRIO

1 – RESUMO	3
2 – JUSTIFICATIVA	4
3 – OBJETIVOS	5
3.1) GERAL	5
3.2) ESPECÍFICO	5
4 – PROCESSOS METODOLÓGICOS	6
5 – INTRODUÇÃO	8
6 – BUSCANDO O SENTIDO DA AVALIAÇÃO NA PRÉ-ESCOLA	9
6.1) A CRIANÇA E A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA SOCIEDADE	9
6.2) O DISCURSO DA PRÉ-ESCOLA	13
6.3) A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
7 – PESQUISA EM CAMPO	21
7.1) A INSTITUIÇÃO	21
7.2) HORÁRIOS	21
7.3) A SALA DO PRÉ.....	22
7.4) ENTRADA.....	23

7.5) RODA.....	23
7.6) CANTINHOS	25
7.7) ATIVIDADES COLETIVAS	27
7.8) LANCHE	29
7.9) PARQUE.....	30
7.10) SAÍDA	31
7.11) A AVALIAÇÃO – COMO ELA ACONTECE	32
7.12) AS EXPECTATIVAS DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS	33
8 – AMPLIAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA 9 ANOS	44
9 – CONCLUSÃO	46
10 – BIBLIOGRAFIA	49
11 – ANEXOS	53
11.1) ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM A DIRETORA	53
11.2) ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM A PROFESSORA.....	54
11.3) BILHETE PARA OS PAIS	55
11.4) ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS	55
11.5) INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO	56

1 – RESUMO

Este trabalho de pesquisa procurou trazer a questão da Avaliação na Pré-Escola, já que esta é uma fase da Educação que não é obrigatória, mas é um direito da criança e um dever do Estado. Assim sendo, a minha preocupação baseou-se como estaria sendo feita essa avaliação, levando em conta as concepções de infância, bem como os interesses da sociedade em que vivemos.

Verificando as várias concepções de infância presentes em nossa sociedade, buscou-se atrelar a esse fato o papel exercido pelas crianças na sociedade capitalista, individualista e adultocêntrica.

Buscou-se trazer também as várias concepções de Educação Infantil, bem como o embate do “cuidar” e “educar”, procurando enfatizar a importância de ambas concepções.

Foi trabalhada a questão da Avaliação posta pelos discursos do Governo, bem como alguns exemplos do que acontecem em Instituições de Educação Infantil, reportando-me para isso a teses e livros específicos sobre o assunto.

Tentando fazer um paralelo com o levantamento bibliográfico, foram realizadas observações em uma Instituição Pública, na tentativa da verificação de como essa Avaliação acontece, trazendo assim elementos de extrema importância para a conclusão sobre o assunto.

Ao final, foi discutido a proposta trazida pelo Governo sobre a ampliação do Ensino Fundamental para 9 anos, incluindo assim as crianças de 6 anos.

2 – JUSTIFICATIVA

O motivo pelo qual me senti instigada a pesquisar esse tema, deve-se ao fato de um trabalho realizado no 5º semestre de Pedagogia na UNICAMP, com a professora Maria Márcia Sigrist Malavazi. Ao levantar uma questão sobre avaliação na Pré-Escola, esta me incentivou a ler a dissertação de Elisandra Girardelli Godoi: *Educação Infantil: Avaliação Escolar Antecipada?* (2000). Comecei a perceber então, que há uma avaliação formal, por meio de conceitos (atingiu, não atingiu..) que são atribuídos ao desenvolvimento das crianças, e uma avaliação informal que é mais subjetiva.

Dessa forma, achei interessante me aprofundar no assunto, e desde então comecei a ler mais sobre o tema, já que antes acreditava não existir avaliação em um momento da vida da criança em que a educação não é obrigatória. Acreditava que as crianças apenas brincassem e trocassem conhecimentos, sem precisar que se avaliasse o que elas tinham aprendido, se haviam chegado ou não a certo padrão estabelecido.

3 – OBJETIVOS

3.1) GERAL:

O objetivo geral é analisar as formas de avaliação que acontecem na Educação Infantil, afim de identificar os possíveis conceitos empregados nessas avaliações, já que o ensino nessa época da vida da criança não é obrigatório.

3.2) ESPECÍFICO:

O objetivo específico desse trabalho é entender o processo de avaliação das crianças nesse período, o motivo pelo qual ele acontece e as possíveis implicações para o cuidado dessas crianças na Educação Infantil, utilizando para isso observações em uma instituição de Educação Infantil, na cidade de Valinhos, interior de São Paulo.

4 – PROCESSOS METODOLÓGICOS

Para a execução desse projeto de pesquisa, procurei fazer uma revisão bibliográfica sobre a concepção de infância em nossa sociedade, para contextualizar quem está sendo avaliada.

Depois realizei uma pesquisa sobre o discurso da pré-escola para saber que tipo de instituição estamos falando, e posteriormente fiz um levantamento sobre a questão da avaliação na pré-escola.

Escolhi a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) da rede Municipal de Valinhos para a realização da pesquisa, a qual estagiei durante o curso de Pedagogia.

Após feito o levantamento bibliográfico e a escolha da EMEI, realizei entrevistas gravadas (roteiro prévio em Anexo 10.1 e 10.2) com a diretora e com a professora, pois assim poderia melhor identificar aspectos sobre a questão posta, e logo as transcrevi. Para a diretora, elaborei questões que envolvessem a Educação Infantil como um todo, para entender o processo que ocorre nesta Instituição. E para a professora, procurei elaborar questões de experiências do seu cotidiano e que demonstrasse, embora de forma geral, a sua visão sobre da Educação Infantil, em especial no que diz respeito ao Pré.

Depois, elaborei um roteiro de entrevista (Anexo 10.4) para os pais ou responsáveis das crianças do Pré, para que assim, pudesse verificar a visão da questão da avaliação nessa pré-escola, sob o olhar desse grupo. Pensei em algo que não fosse tomar muito tempo para responder, mas que ao mesmo tempo me auxiliasse na pesquisa. Dessa forma, apresentei as questões para a professora e para a diretora. Antes que eu entregasse as questões para os pais das crianças, a diretora pediu que eu fizesse um bilhete para colar no caderno das crianças (Anexo 10.3).

Além do questionário, acreditei ser de extrema importância um contato direto com a instituição a ser pesquisada, através da observação de agosto até o final de novembro de 2005, para entender melhor o sentido da avaliação formal e informal, se ela acontece e como acontece. A observação ocorreu através de um olhar sensível aos acontecimentos nesse período em todas as atividades realizadas em sala, no pátio, no lanche e no parque.

Uma de minhas preocupações nessa pesquisa, foi o fato de não revelar por inteiro o objetivo da mesma, já que avisar previamente o que eu pesquisava poderia alterar as atitudes dos educadores, pois como salienta HOFFMANN (2001) *“Estudos sobre avaliação parecem mexer com as estruturas de uma instituição. Desestabilizam diretores, coordenadores, professores, funcionários, pais e até mesmo as crianças.”* (p. 86)

Por isso procurei falar basicamente o que havia necessidade para realizar a pesquisa e assim concluir o meu trabalho.

5 – INTRODUÇÃO

Ao começar a estudar pelo tema, senti uma grande dificuldade, pois as pesquisas que se referem ao tema avaliação, no Brasil, são frequentemente correspondentes ao Ensino Fundamental, Médio e Superior. No que diz respeito a avaliação na Pré-Escola, são poucos e até mesmo escassos os materiais. Isso porque a Educação Infantil só é reconhecida como direito das crianças a partir da Constituição de 1988, e como diz o Parecer da ANPED (1998):

“Trata-se de um campo de trabalho e estudo ainda em construção, tanto no Brasil como no resto do mundo, onde permanecem áreas extensas de disputa entre diversas concepções de criança, de educação, de família e de sociedade.” (p. 90)

Portanto, a minha primeira e grande tarefa foi encontrar material suficiente para desenvolver esse trabalho.

Durante o desenvolvimento de meu projeto, entrou em debate a ampliação do Ensino Fundamental de 9 anos, incluindo assim as crianças de 6 anos nestas instituições.

Dessa forma, achei importante estar trazendo esse embate, já que há várias discussões a respeito do assunto, tentando assim discutir algumas questões para tentar compreender melhor esse fato.

6 – BUSCANDO O SENTIDO DA AVALIAÇÃO NA PRÉ- ESCOLA

6.1) A CRIANÇA E A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA SOCIEDADE

A concepção que se tem de infância, na sociedade moderna, considerada enquanto sociedade capitalista e industrial é algo que a despreza, que a vê como ser “inferior”, por acreditarem que lhe “falta algo”. E segundo FARIA (1999):

“Parafrazeando o poeta Drummond, que disse ‘ausência não é falta’, podemos dizer que a ausência de características dos adultos, dos jovens e dos velhos nas crianças, é exatamente o que se chama de infância”. (p. 75).

Da criança espera-se algo para o futuro, como salienta GUSMÃO (2003):

“... o adulto toma em suas mãos a infância como matéria-prima de realização das expectativas postas pelo sistema como futuro. Nesse processo, deixa de reconhecer as especificidades de que a infância é portadora e, num ato de poder, busca fazer a criança um igual a si mesmo, alguém de quem se espera possa, não apenas repeti-lo, mas ir além e assim, realizar o que ele, adulto, não conseguiu em sua própria trajetória diante das exigências de seu mundo.” (p. 208)

Assim, a infância “é um preparar para a vida”, ou seja, “... a criança, para o adulto, ‘deve ser preparada para repetir o que fazem’” (*idem*, p.203), na qual a criança é concebida como um “vir a ser”, uma “promessa para o futuro”, esquecendo-se assim de que ela é um ser completo nesse momento, e que tem suas especificidades e particularidades, e que ela “... explora, rebela-se, zanga-se e cria um mundo onde espelha o que recebe e redimensiona com seus iguais.” (*ibidem*, p. 204). Ou nas pala-

vras de Freitas¹, em resposta a minha questão:

“Penso que seja mais freqüente encontrarmos a idéia de uma criança como um mini-adulto. Ou no melhor dos casos, como uma criança que está preparando-se para ser adulto e que deve ser treinada para tal. Isso impede a criança de viver o seu tempo.”

Não seria de se esperar algo diferente, em uma sociedade centrada no produtivismo, no lucro e na competição, na qual o adulto exerce uma papel ativo, central, maduro, sério e competente. E nesse sentido, a sociedade também acaba por atrapalhar a relação entre adulto e criança, pois como diz SIEBERT (1998):

“A indústria da criança, que obviamente produz tantas coisas úteis e prazerosas, entre produtos para o corpo, comidas particulares, jogos didáticos e brinquedos de todos os tipos, possui, porém, algo de nefasto: oferece ao adulto uma vida fácil e cômoda para substituir o esforço pessoal, que uma relação implica, com o gesto fácil da carteira.”
(p.81)

Em uma propaganda de um renomado colégio particular, veiculada durante o período de Novembro de 2004, mostra crianças questionadas sobre o que querem ser. Estas respondem: quero ser médica, nutricionista, reafirmando esta concepção, de que a criança não é um ser completo, e só poderá ser a partir do momento que exercer uma profissão, trabalhar e conseqüentemente consumir. Esta questão também é trazida por uma reportagem da *Revista Metrópole*, de 7 de novembro de 2004 que diz o seguinte:

“Nesse momento singular por que passa a sociedade contemporânea em que a atividade profissional está diretamente relacionada ao status social, em que a imagem corporal é supervalorizada e em que a condição financeira é um forte indicativo do sucesso ou do fracasso pessoal, nada mais natural que os pais sintam-se impelidos a oferecer às

1- Entrevista via e-mail em 23/10/2004 com Dr. Luiz Carlos Freitas, professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

crianças todas as condições necessárias para ser um profissional de sucesso, bem posicionado.” (p. 44)

Nessa reportagem o que se pode ver é uma sociedade de classe média enfatizando a importância do preparar a criança para o futuro, pois só conseguindo um bom estudo é que se terá sucesso profissional.

O furto do lúdico está implicitamente presente nessa concepção, como salienta MARCELLINO (1990). Pois tanto a criança pobre, como a criança rica está tendo a sua infância roubada, ou seja, como diz GODOI (2000):

“Assim, há uma “dupla alienação da infância”. Se por um lado, a criança pobre precisa se inserir no mercado de trabalho, por outro, a criança rica, é sobrecarregada com muitas atividades e responsabilidades extra-escolares. Assim, ambas têm seu tempo livre comprometido.” (p. 23)

Por isso, é necessário entender que as crianças, independentemente de raça, etnia, gênero e classe social, estão tendo o seu tempo tomado por obrigações que a distanciam da vivência da infância e assim procurar denunciar esta dominação existente, a fim de que esta concepção se altere. Como nos alerta FARIA (1999):

“A “dupla alienação” da “infância”, isto é, a criança rica privatizada, alienada, antecipando a vida adulta através de inúmeras atividades; e a criança pobre explorada, também antecipando a vida adulta no trabalho, deve ser combatida fazendo da creche um oásis, um lugar onde se torna criança, onde não se trabalha, onde se pode crescer sem deixar de ser criança, onde se descobre (e se conhece) o mundo através do brincar, das relações mais variadas com o ambiente, com os objetos e as pessoas, principalmente entre elas: as crianças.” (p.72)

A concepção de que “falta algo na criança”, está presente na Educação Infantil, já que está têm uma determinada função na sociedade em que está inserida. Assim, Freitas na introdução do livro (BECCHI & BONDIOLI, 2003) nos alerta:

“Há uma certa concepção de educação infantil que propicia a escolarização precoce da criança e faz com que tal escolarização tome lugar da infância, da brincadeira, da fantasia, enfim, do desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança.” (p. Vii)

Dessa forma, o que precisa-se criar é uma pedagogia da educação infantil que garanta o direito à infância e melhores condições de vida à todas crianças independente de raça, classe social, religião, etc. Nas palavras de FARIA (1999):

“uma política para a educação infantil dever ser plural, e diferentes tipologias devem ser propostas. Cada grupo de profissionais de uma determinada instituição organizará o espaço de acordo com seus objetivos pedagógicos, de modo a superar os modelos rígidos de escola, de casa e de hospital. Assim, a Pedagogia faz-se no espaço, e o espaço por sua vez consolida a pedagogia.” (p. 69-70)

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n.º 8.069/1990, Capítulo IV – do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer: *“A criança e o adolescente têm direito à educação , visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho....” (Artigo 53, grifos meus)*

Ora, não está aí implícita a concepção que temos de infância, de que a criança é um ser incompleto? Se acaso a educação tem o objetivo de desenvolvê-la, de prepará-la para a vida, é porque se pretende chegar a um modelo pretendido pela sociedade capitalista.

Nesse sentido, a pré-escola se aproxima dos ideais da escola primária, e se distancia da creche. Assim, creio que temos que nos atentar para o sentido da avaliação

na educação infantil, já que a avaliação, nos outros níveis de educação, está quase sempre ligada ao domínio da leitura. Então, como “medir” a qualidade na educação infantil, já que a escolarização não é objetivo deste nível de ensino? Pois como salienta KUHLMANN (1999): *“Não é a criança que precisaria dominar conteúdos disciplinares, mas as pessoas que a educam.”* (p.65)

6.2) O DISCURSO DA PRÉ-ESCOLA

A educação infantil no Brasil tem pouco mais de cem anos de história, embora tenha sido apenas consolidada como direito da criança a partir da Constituição de 1988.

Antes disso se “assistia a maternidade e a infância”, segundo KUHLMANN (1999):

“não precisamos nos envergonhar dessas dimensões do trabalho pedagógico. As instituições educacionais, especialmente aquelas para a pequena infância, se apresentam à sociedade e às famílias de qualquer classe social, como responsáveis pelas crianças no período que as atendem. Qualquer mãe que procure uma creche ou pré-escola para educar o seu filho, também irá buscar se assegurar de que lá ele estará guardado e protegido.” (p.60)

Assim, não podemos dizer que uma instituição de educação infantil que esteja cuidando e assistindo, não esteja educando, e vice-versa, pois ali começa o disciplinamento para o ritmo da sociedade.

Em uma pesquisa sobre as instituições criadas no final do século XIX, KISHIMOTO (1988), relata que existiam: *“dois estabelecimentos infantis que atendiam crianças de mesma idade, tendo apenas uma população distinta: nos jardins de infância, os ricos e, nas maternais, os pobres.”* (p. 59)

Dessa forma, desde seu aparecimento, a Educação Infantil apresentava elementos de diferenciação entre os diferentes níveis sociais. Aos pobres um tratamento, e aos de maior poder aquisitivo outro tratamento.

Por volta da década de 70, instala-se no Brasil, uma tendência de educação chamada de educação compensatória. Fundamentava-se na idéia de que a pré-escola deveria suprir as “carências” e as “deficiências” causadas pela pobreza, nas crianças de baixa renda, e conseqüentemente nas suas famílias. Essa tendência, ainda retratava que a pré-escola era uma preparação da criança, e que ao final desse período, a criança deveria ser avaliada como condição para a sua inserção na escola elementar. Dessa forma, NASCIMENTO (1999) afirma o seguinte a respeito desse fato:

“Se são inegáveis os ganhos com a frequência à pré-escola que é capaz de trazer o sucesso no Ensino Fundamental, não é de todo desejável que o desempenho da criança, na primeira etapa da Educação Básica, constitua parâmetro para sua promoção ao Ensino Fundamental” (p.49)

Essa concepção esteve presente até a década de 90. GODOI (2000), citando o trabalho de WAJSKOP (1990), relata que as crianças não tinham tempo de brincar, pois elas tinham que fazer exercícios para que pudessem ingressar na 1º série do Ensino Fundamental.

Em 1998 o MEC o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, apresenta um currículo para as crianças de 0 a 6 anos. Apesar deste se dizer flexível e aberto, muitas críticas são feitas sobre esta questão. A começar pela organização dos Referenciais: objetivos, conteúdos, orientações gerais para o professor e observação, registro e avaliação formativa. Dessa forma, como salienta GODOI (2000): *“essa organização de trabalho para o cuidado e educação das crianças pequenas acaba antecipando o modelo escolar, o ensino, sendo uma proposta escolarizante.”* (p. 30)

Com isso a criança deixa de ser criança para tornar-se aluno. Em uma reportagem sobre “*O futuro da escola*” no jornal Sinapse em 29 de julho de 2003, Rui Canário² critica arduamente esse fato afirmando o seguinte:

“A escola erigiu, historicamente como requisito prévio da aprendizagem, a transformação das crianças e dos jovens em alunos. Construir a escola do futuro supõe a adoção do procedimento inverso: transformar os alunos em pessoas.” (p. 17)

Ou seja, estamos vivendo em uma sociedade que pensa em uma ESCOLA, em um ALUNO, e não em uma instituição que pense em uma CRIANÇA ativa e com suas particularidades, e é preciso trabalharmos para que esta concepção se altere e também para que a avaliação imposta nessas instituições de Educação Infantil também mude, afim de proporcionar um ambiente propício a vivência intensa dessa idade, sem cobranças. Pois como nos alerta FARIA (1993), a pré-escola pode ter uma função diferente da escola, e isso não significa que ela não vai oferecer às crianças a oportunidade de construir conhecimentos, só que este se dará de outras formas.

Segundo a Política Nacional de Educação Infantil, a educação infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica e destina-se à criança de 0 a 6 anos de idade, não sendo obrigatória, mas um direito a que o Estado tem obrigação de atender, como está escrito no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n.º 8.069/1990, Capítulo IV – do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer: “*Art. 54 - É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: IV atendimento em creche e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.*”

2- O português Rui Canário é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Lisboa e professor, desde 1991, dessa universidade. Como pesquisador, atua sobretudo nas áreas de formação de professores e de sociologia da escola. É autor de “*Escola e Exclusão Social*” (Educa, 2001), entre outros. No Brasil, publicou artigos em revistas especializadas.

Apesar disso, a realidade que vemos e conhecemos em todo o país é outra. O que se vê são filas de espera de crianças em creches e instituições de educação infantil. E o que vale ressaltar é que as famílias de menor renda são as mais prejudicadas, como nos alerta BARRETO (1995), pois as que têm condições, são as que tem acesso as creches e às instituições pré-escolares. Portanto o modelo é excludente: somente o extrato da população mais rica é que tem acesso a pré-escola pública. Com isso deve-se desvincular qualquer relação com o ensino fundamental, pois como afirma KUHLMANN (1999):

“A educação infantil é de outra ordem, pois não destina-se a todos. Assim, seria um equívoco engessa-la nos moldes do ensino fundamental, que lhe sucede, em uma perspectiva preparatória, propedêutica.” (p. 57)

Segundo BONDIOLI & MANTOVANI (1998):

“... a creche ‘moderna’ (para distingui-la da creche assistencial que possuía como referente a família necessitada) nasce como serviço em respostas às necessidades e aos direitos da mulher que trabalha, como garantia de ocupação extradoméstica, cuja tendência é eliminar a discriminação da mulher, enquanto mãe, e a sua conseqüente possível exclusão ou marginalização do mercado de trabalho. (p. 18)

Nesse sentido, GODOI (2004) também fala que as famílias estão procurando compartilhar a educação de seus filhos com as instituições coletivas além da inserção da mulher no mercado de trabalho, por causa da mudança de concepção de criança e do reconhecimento dos direitos das mesmas. Conseqüente ao reconhecimento dos direitos das crianças, tende-se a entender que a concepção de avaliação na Educação Infantil, também necessita ser concebida de forma diferente, como:

A autonomia , a socialização, a capacidade de construir o mundo, explorando-o, são ao mesmo tempo aspectos de uma nova imagem da primeiríssima infância e objetivos educativos, necessidades a serem respeitadas e satisfazer, e competências a serem favorecidas e incentivadas. (BONDIOLI & MANTOVANI, p. 29, 1998)

6.3) A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 9394, sancionada em dezembro de 1996, diz o seguinte: *“Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.” (Artigo 31, p.16)*

Assim, a avaliação é entendida como uma forma de refletir sobre as condições de aprendizagem, como diz o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil:

“É um elemento indissociável do processo educativo que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanço na aprendizagem das crianças. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo.” (p. 59)

Pode-se dizer que existem duas concepções de Pré-escola: uma mais escolarizada, e outra que rejeita o modelo escolar. Mas ambas, segundo o parecer da ANPED (1998), aceitam um modelo de avaliação:

“Um ponto de concordância importante refere-se ao sentido em que deve ser entendida a avaliação das crianças nessa etapa: como registro e acompanhamento de seus progressos, mas nunca com finalidade de promoção ou retenção, nem ao longo da educação infantil, nem na passagem para o ensino fundamental.” (p.91)

Tem-se que se levar em conta o conhecimento da relação que a criança estabelece com as outras crianças, com os adultos, com o meio ambiente e com a

cultura. Não deve esperar que a criança reproduza os conhecimentos que o professor lhe transmitiu. Como diz HANDEI (2004):

“Portanto, no contexto da educação infantil, a avaliação não deve ser encarada como um julgamento, pois isso só seria uma forma de classificar e estigmatizar as crianças, não levando em conta os acontecimentos que acompanham todo o cotidiano em questão.”

É preciso que o professor utilize-se da avaliação para revelar aquilo que a criança é, e não o que se espera que ela seja, não ostentando assim a concepção que temos de infância. Como diz PIOTTO (1998):

“O respeito à criança implica garantia de boas condições de vida durante a infância. Nesse sentido, avaliar-se antes o como isto está ocorrendo, em vez de no que isto resultou (embora não desprezando o aspecto), parece ser mais condizente com a visão de criança como um ser ativo e detentor de direitos.” (p. 57)

O preenchimento de formulários ou boletins, em que se compara a criança com um padrão pré-estabelecido pela sociedade, são inviáveis, pois classificam as crianças. A avaliação deve permitir o registro por parte da professora, de tudo o que ela fez no determinado período com as outras crianças e com os adultos. HOFFMANN (1996) afirma em suas pesquisas sobre a avaliação na educação infantil que:

“avaliar é registrar ao final de um semestre (periodicidade mais freqüente na pré-escola) os “comportamentos que a criança apresentou”, utilizando-se, para isso, de listagens uniformes de comportamentos a serem classificados a partir de escalas comparativas tais como: atingiu, atingiu parcialmente, não atingiu; muitas vezes, poucas vezes, não apresentou; muito bom, bom, fraco e; outras”. (p.12)

Dessa forma, temos na Educação Infantil dois modelos de avaliação: *formal*, que são os conceitos atribuídos pelos professores, e a *informal*, que é subjetiva, e caracteriza-se por julgamentos e pré-conceitos.

Esses dois modelos de avaliação já são conhecidos no ensino fundamental que é obrigatório, e que KUHLMANN (1999), critica qualquer assemelhação entre esses dois níveis de ensino:

“A educação infantil é de outra ordem, pois não se destina a todos. Assim, seria equívoco engessá-la nos moldes do ensino fundamental, que lhe sucede, em sua perspectiva preparatória, propedêutica.” (p. 57)

Nas palavras de Freitas¹ em resposta a questão sobre o verdadeiro sentido da avaliação na pré-escola, esse respondeu o seguinte:

“A avaliação na pré-escola está intimamente relacionada, como em qualquer outro nível escolar, aos objetivos gerais e específicos (conteúdo) que se atribuem à pré-escola. Ou seja, quando a pré-escola significa uma antecipação da escolarização, tende a ficar fixada em conteúdos escolares; quando está mais comprometida com o tempo da criança, tende a ficar fixada em conteúdos de formação. O fato de não ser obrigatória só ajuda. Entretanto não significa que não exista.”

Em uma experiência em Pistóia, na Itália, pesquisadores desta região conseguiram apontar para um novo olhar em relação à avaliação das crianças na pré-escola (BECCHI & BONDIOLI, 2003). Nesta concepção apontada pelos autores, a criança deixa de ser alvo do processo e o contexto educativo, passando a ocupar o lugar central. Assim, a avaliação não se destina em medir, julgar, comparar e selecionar as crianças, mas passa a ser um mecanismo de reflexão e conhecimento por parte das

1- Entrevista via e-mail em 23/10/2004 com Dr. Luiz Carlos Freitas, professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

professoras sobre o trabalho que realizam com essas crianças. Mas mesmo isso sendo importante para a Educação Infantil, não devemos ter essa experiência como um manual a ser seguido, apenas usa-lo como um referencial, como salienta GODOI (2003).

Por isso, é importante conhecermos meios de avaliação em que a criança seja sujeito de direitos, produtor de cultura e portador de história, para que assim possamos pensar em uma avaliação que não antecipe a escolarização do Ensino Fundamental.

7 – PESQUISA EM CAMPO

7.1) A INSTITUIÇÃO

A EMEI, onde foi efetuada a pesquisa, localiza-se em uma região próxima ao centro da cidade, e possui um posto de saúde ao lado, o que facilita, em caso de necessidade médica, um atendimento pronto e rápido. Segundo a diretora, a Instituição existe há mais de trinta anos, e segundo a mesma esta foi uma das primeiras instituições de Educação Infantil a serem construídas no Município.

A Instituição possui um parque infantil grande, com brinquedos em condições não muito boas, como balanças e roda-roda. Há um refeitório grande e nele encontram-se divididos através de um piombo, a sala dos professores e a mini biblioteca. A sala da diretora é pequena ao lado da cozinha, possui um computador e é bem organizada. A cozinha é pequena e bem limpa. Existem dois banheiros para as crianças, sendo um para os meninos e outra para as meninas, e estes estão identificados com uma plaquinha escrito “menino” e “menina” e um desenho. Há também um banheiro para os funcionários e outro para a diretora e professoras.

O prédio possui quatro salas de aula, funcionando no período matutino sendo uma sala do Infantil I, uma do Infantil II, e duas do Pré; e à tarde com duas salas do Infantil I, uma com o Infantil II e uma com o Pré. Frequentam a instituição 85 crianças no período da manhã e 91 no período da tarde, totalizando 176 crianças.

7.2) HORÁRIOS

Há um horário diferenciado para as crianças dos três “estágios” no que diz respeito a merenda, ao parque, bem como para a educação física, sendo que esta só acontece de Segunda-feira e Quinta-feira. Segue abaixo tabela com o horário:

Sala	Merenda	Parque	Educação Física
Infantil I A	14:00 às 14:25	14:25 às 15:10	15:50 às 16:40
Infantil I B	14:25 às 14:45	16:00 às 16:30	15:00 às 15:50
Infantil II	14:45 às 15:05	15:05 às 15:35	13:00 às 13:50
Pré	15:05 às 15:25	15:25 às 15:55	13:50 às 14:40

7.3) A SALA DO PRÉ

A sala possui uma mesa e uma cadeira para a professora, que fica logo perto da porta. Existem cinco mesas de grupo, nas quais cabem quatro crianças em cada mesa, e as cadeiras são de tamanho confortável. Existe uma lousa bem grande na parede, e embaixo dela existe um varal onde se coloca a rotina do dia, e em cima o alfabeto com letras grandes.

Há um alfabeto também, na parede lateral com as letras de forma e de mão, e há um quadrado colado atrás da porta com os números de 00 a 99, onde as crianças consultam nas atividades constantemente. Perto da porta há um armário grande onde a professora guarda o seu material. As crianças não têm acesso a esse armário. Ao lado desse armário existe um mini armário escrito “Cantinho da Leitura”, onde existem vários livros de literatura infantil.

Do lado da mesa da professora existe um armário de fácil acesso às crianças, onde ficam os materiais para as atividades, bem como os cadernos das crianças.

Perto da lousa existe um lugar pequeno onde ficam os brinquedos. E no fundo da sala tem uma porta de vidro que dá para um pequeno jardim, no qual as crianças de vez em quando brincam, ou colocam suas atividades para secar.

Há também um relógio no meio da sala, para a professora poder visualizar facilmente as horas.

A sala possui ventilador e é bem arejada. Todas as atividades, exceto a de educação física e o parque, ocorrem nesse espaço, inclusive as que dizem respeito a utilização do vídeo.

7.4) ENTRADA

As crianças chegam na instituição e esperam o portão abrir. As professoras pelo lado de dentro as esperam, para que estas façam uma fila para entrarem para as salas. As crianças estão sempre alvoroçadas, algumas choram (caso das crianças do Infantil I), mas acabam entrando, mesmo que com as mães. As crianças do Pré já estão acostumadas a deixarem os pais e/ou responsáveis e entram sem choro. Elas deixam suas mochilas penduradas no pátio coberto e vão para a sala. Mas esse trajeto é feito com muitas brincadeiras, risos e conversas.

Em momento algum vi alguma professora chamar a atenção de qualquer criança. Elas permitiam que elas se sentissem a vontade. Apenas quando alguma demorava a entrar na sala é que se chamava a criança.

7.5) RODA

Ao entrarem na sala as crianças formam uma roda. Mas ao formarem a roda continuam conversando, brincando, ou seja, não ficam paradas esperando a professora falar sobre o que farão naquele dia. Percebe-se então que elas fogem um pouco das normas, fazem o que sentem vontade. Mas logo é hora de escolher o ajudante do dia. Chama-se o ajudante do dia pela letra inicial do nome. Todas ajudam a lembrar.

Depois o ajudante coloca no meio da roda todas as atividades, a professora indica as atividades do dia: roda, cantinho, lavar as mãos, e assim por diante. Feito isso, as crianças continuam em roda para contarem algo que gostam para os demais amiguinhos. Achei importante este momento, porque a professora dá a oportunidade para a criança falar aquilo que ela quer, sem formalismos. Neste momento as crianças se manifestam para contarem suas novidades e para trocarem informações e conhecimento. Elas riem e contam histórias do seu dia-a-dia, como o seguinte exemplo:

- Pessoal... (fala o Ro)

- Pessoal... vamos ouvir o que o Ro tem para nos contar! Pode falar (diz a professora)

- Ontem prô, eu estava com fome né, e perguntei para a minha mãe o que tinha para comer. Porque eu fico com a minha vó, né? Daí ela falou que tinha carne moída. Daí eu falei vó, o que tem pra comer aí? Daí ela falou que tinha purê, e aí eu fui comer lá. Daí eu falei vó, onde ta o catchuo e a mostarda? E ela falou: esqueci... esqueci de comprar... (todos nessa hora riram) (DC, 30/08/2005)

Todos ouvem atentos o que o coleguinha tem a falar, e quando este acaba, o outro fala: "Pessoal!". Esta é a senha para que outra criança passe a começar a falar, caso contrário falam ao mesmo tempo.

Quando uma criança está contando algo e outra começa a falar, as outras falam para que esta para porque não conseguem ouvir o que o amigo esta falando. Como o seguinte exemplo:

A Mãe começa a falar dos móveis que seu pai tinha comprado. Daí o Al fala:

- Eu ganhei uma bola do meu pai ontem!

E continua a falar alto, sendo que a vez de falar é da Mãe. Logo as crianças falam para ele:

- Para Al, eu não to conseguindo ouvir o que a Mãe tá falando!!!!!! (DC, 06/09/2005)

Somente algumas vezes a professora interferia, mas quase não havia necessidade, porque elas mesmas se entendiam. Acredito que isso também é um fator importante para o desenvolvimento da criança, já que se dá a liberdade para esta agir e se entender com as demais.

As crianças ficam na roda até 13:30 horas. Às vezes passa um pouquinho do tempo, mas basicamente é esse o tempo destinado à essa atividade. Por isso, embora a atividade ser muito boa, acredito que deveria ser destinado um tempo maior a ela, já que propicia um momento agradável às crianças. Talvez isso não ocorra, porque a Instituição tenha que cumprir com outras metas que a sociedade as cobra.

7.6) CANTINHOS

Após fazerem a dinâmica na roda, as crianças eram convidadas a participarem dos "Cantinhos". A professora explicava as atividades que ela ia colocar na mesinha. Quando era uma atividade nova, ela pedia que eles prestassem muita atenção. As crianças, muitas vezes se levantavam para tentar ir mais pra frente para entender o que a professora estava falando. E nessa hora pude perceber que a professora pedia mais que uma vez que eles sentassem em roda, que não levantassem e que ficassem de pernas cruzadas:

- Pa. não precisa sair do lugar. Dá para ver! Volte para seu lugar e cruze as pernas. Pessoal, todos de pernas cruzadas em roda, que eu estou explicando! Depois não vai entender e vai ficar perguntando... (DC, 19/08/05)

A frase que ela utilizou: *“Depois não vai entender e vai ficar perguntando...”*, me fez lembrar de fatos que ocorrem no Ensino Fundamental, onde há a obrigatoriedade de se aprender algo. E dessa forma, fez-me buscar também na fala da professora durante a entrevista, ao ser questionada da importância da criança estar em uma Instituição de educação desde 4, 5 anos. Esta respondeu que acreditava ser importante porque assim a criança iria aprender como uma instituição escolar funciona, quais as atividades dela, *“preparando assim para a primeira série”*. Dessa forma, o que pude verificar é que a concepção que ela tem de Educação Infantil concorre com suas atitudes em sala, esperado que a criança já adquira a formalidade da vida escolar.

Nessas atividades dos *“Cantinhos”*, ela trabalhava com atividades que permitiam que as crianças trabalhassem em dupla, mas estas duplas eram quase que todas formadas pela professora, uma reclamação às vezes das crianças, como o exemplo abaixo:

A professora fala que a atividade para escrever uma música vai ser em dupla.

A criança toda fica em festa: Eba!!!!

Daí o Al fala:

- Prô eu vou fazer com o Be.

- Não, eu já escolhi as duplas. Eu vou falando e vocês vão sentando com quem eu falar!

(fala a professora)

- Ah, prô!!!! (desabafo da sala) (DC, 16/08/2005)

Apesar desse acontecimento, pude verificar que ela procurava sempre mudar as duplas, o que ajudava na interação dessas crianças. Isto porque a intenção dela era a socialização da sala, como ela mencionou na entrevista.

Quando as crianças sentavam nas mesas, elas trocavam informações sobre o que estavam fazendo. A professora em momento algum chamou a atenção por essa interação acontecer, embora a atividade fosse denominada individual.

Outro fator observado sobre as atividades dadas nos “Cantinhos” é que estas eram planejadas pela professora, o que ao meu ver poderia ter uma participação, mesmo que pequena, das crianças, para que estas pudessem também expressar o que gostariam de aprender, o que gostariam de fazer.

As crianças gostavam das atividades, mas havia momentos em que as atividades eram dispersas do mundo delas. Mesmo porque havia a necessidade de que se fizesse tudo no papel, “pois só assim tem-se como provar para os pais que as crianças estão aprendendo”. Isto faz com que se desvalorize as atividades que envolvem brincadeiras, pois estas não tem como ser documentadas.

Por isso das seis atividades propostas nos “Cantinhos”, apenas uma ou duas envolviam o lúdico. A maioria era a escrita o principal objetivo, pois pensa-se que a brincadeira é apenas um lazer e não uma aprendizagem. Isso porque a visão que se tem é que aprender é somente, como salienta GODOI (2000) “(...) *ter acesso aos conteúdos escolares, ter domínio e conhecimento das letras, da escrita, da leitura, dos números, enfim, é produzir algo no caderno ou na folha.*” (p. 83)

7.7) ATIVIDADES COLETIVAS

Após as atividades dos “Cantinhos”, a professora procurava fazer atividades com todos ao mesmo tempo. Ela pedia que eles sentassem em roda e que ouvissem atentamente o que ela ia falar.

Dessas atividades, uma que gostei muito e achei ser importante para as crianças, foi uma em que ela as levou em volta do quarteirão para anotar os números das casas. Embora a atividade envolvesse um objetivo de “aprender a escrever o número”, as crianças se divertiram muito, pois saíram daquele espaço fechado e tiveram a oportunidade de encontrar outras pessoas, como por exemplo o carteiro, que na verdade era uma mulher, o que causou um espanto entre elas; um cachorro, entre outros elementos novos, diferentes do que elas estão acostumados a ver em sala.

Nessas atividades pude ver várias vezes a preocupação da professora em fazer com que elas estivessem aprendendo algo, pois em uma atividade em que a professora estava lendo duas histórias do Negrinho do Pastoreiro, aconteceu o seguinte fato:

O Da estava deitado, todo espreguiçado na roda, ouvindo a história.

Daí a professora falou o seguinte:

- Da o que é isso? Aqui não é lugar de descansar e relaxar. Aqui é lugar de estudar! De estudar! Pode sentar e cruzar as pernas! (DC, 30/08/2005)

Na mesma hora a criança levantou-se e sentou-se do modo como a professora havia solicitado. Nesta fala, mostra nitidamente a preocupação da formalidade em aprender, questões vistas no Ensino Fundamental.

Nesse mesmo dia, havia duas crianças que estavam mexendo no cadarço do tênis. Daí a professora as falou:

- Ma e Sa, depois quero ver ... Na 1ª série vocês vão ficar amarrando o tênis também? (DC, 30/08/2005)

Mais uma vez percebeu-se a preocupação com a escolarização, ou seja, a “preparação para a primeira série”.

Em outro relato podemos verificar também a forma como a Instituição é identificada como ESCOLA. Num determinado dia quando a professora estava dando a atividade coletiva, as crianças conversavam muito, e esta falou o seguinte para a sala:

- Isso é comportamento de escola? Não né.... Como se faz na escola? (perguntou a professora)

Daí o Ca respondeu: - Fica quietinho...

- Não... só fala baixo, aprende.... (respondeu a professora) (DC, 06/09/2005)

Esse fato leva a crer que a Instituição de Educação Infantil passa a ter preocupações de uma Escola, o que acaba muitas vezes antecipando valores formais.

7.8) LANCHE

As crianças saíam da sala para pegarem suas escovas, copos e toalhas para lavarem a mão e irem para o lanche. Elas esperavam na porta em fila pela professora para depois irem ao pátio da merenda.

Nessa hora as crianças brincavam, gritavam e conversavam muito. Desde que estive fazendo a observação, nunca presenciei que a professora ficasse brava com elas por essa atitude. Acredito que isso foi um ponto bom, porque saiu daquele formalismo que pudemos verificar em sala.

Somente na hora em que chegavam e sentavam na bancada é que as coisas mudavam. As crianças tinha que se sentar e esperar para cantar uma musiquinha agradecendo a DEUS pela comida que elas iam comer. Depois a professora autorizava um lado para pegar a merenda, e depois o outro.

As crianças tomavam o lanche, e depois que terminavam esperavam sentadas, ou ao menos seria para se esperar sentadas. Mas elas ficavam brincando em volta de pega-pega, ou de outras brincadeiras até que alguém as falasse: “*Aqui não é lugar de brincar!*”. Mas dificilmente elas paravam de imediato, somente após várias broncas.

O lanche era bem variado, e a criança poderia repetir quantas vezes quisesse.

O refeitório possui duas mesas grandes, as quais poderiam ser disponibilizadas para duas turmas comerem juntas. Mas isso raramente aconteceu, apenas em momentos em que quase a turma do Pré estava saindo e chegava a do Infantil II.

Depois de comerem, era feito uma fila para a professora colocar a pasta dental nas escovas, e após escovarem os dentes elas ficavam sentadas aguardando que todas escovassem para formarem uma fila para poderem irem para a sala. Nessa hora elas também conversavam, brincavam até irem para a sala.

7.9) PARQUE

O parque só era utilizado em determinado momento do dia, na hora em que era disponibilizado para aquela sala estar lá. Isso deveria ser pensado, já que elas poderiam desenvolver atividades mais prazerosas que saíssem da sala, levando a criança a um ambiente mais prazeroso.

Muitas vezes a turma do Pré ficava com a turma do Infantil II, quase que o mesmo tempo. Apenas alguns momentos houve a interação do Pré com as turmas do Infantil II.

No parque as crianças ficavam livres, quando não estavam de castigo, para brincarem do que quisessem. A professora somente interferia quando havia alguma briga ou reclamação como no seguinte exemplo:

Em determinado momento, a Na veio avisar a professora que as meninas estavam brincando na casinha com leite e bolacha. A professora chama uma das meninas que não vai até ela. Então a professora resolve ir até lá verificar o que está acontecendo. Ela descobre que todas estavam comendo e bebendo leite. Nessa hora chama todas elas para ficarem de castigo atrás de nós.

A professora diz o seguinte para mim e a outra professora:

- Acha que pode! Tavam com leite, bolacha, pão! Daqui a pouco vão querer trazer o que aqui pra escola? (grifos meus) (DC, 30/08/2005)

No restante do tempo no parque, as crianças brincavam com seus coleguinhas, fantasiavam, sonhavam e criavam cultura infantil, sem a interferência de ninguém.

Apesar de em outros momentos sem ser o do parque as crianças também brincarem por conta, falta ao meu ver a valorização desse momento: a brincadeira, como tempo essencial nessa Instituição.

7.10) SAÍDA

As crianças voltavam do parque e pegavam a sua mochila e iam para a sala, onde deviam sentar-se em roda a espera da chegada da professora para a distribuição dos cadernos. Elas sempre aguardavam a chegada dos parentes em sala, normalmente brincando, conversando e trocando figurinha.

Os perueiros eram sempre os primeiros que entravam para pegar as crianças. Logo depois o portão abria para os pais e responsáveis pegarem as crianças em suas respectivas salas.

Sempre que havia algum fato que envolvessem a criança, a professora falava com os pais ou responsáveis nessa hora. Caso a criança fosse embora com o perueiro, ela escrevia um bilhete no caderno de recado.

7.11) A AVALIAÇÃO – COMO ELA ACONTECE

Até o ano passado, com a gestão anterior, havia um formulário (anexo 10.5), os quais as professoras deveriam preencher para entregar para a Secretaria e também para os pais. Eram questões que envolviam o desenvolvimento afetivo, aspectos sociais, aspectos perceptivos motores, aspectos cognitivos entre outros aspectos, que juntos formavam uma “classificação das crianças”. Este ano, o sistema foi substituído, dando lugar para a avaliação através dos dossiês das crianças, que são as atividades que as crianças desenvolvem no papel e que são guardadas em pastas.

As atividades lúdicas não são registradas, em minha opinião sendo nestas despercebidas o desenvolvimento mais importante nesta idade: a socialização, a criação e a invenção da criança.

Se por um lado o fim do sistema de preenchimento de fichas foi importante para a quebra do conceito de avaliação próxima a do Ensino Fundamental, a avaliação hoje exercida também se aproxima do Ensino Fundamental, vista que só é levada em consideração as atividades que são registradas pelas crianças no papel.

A avaliação informal que ocorre na sala, é assumida como a necessidade de se fazer tudo para ir bem para a primeira série, ou seja, a preocupação em se “preparar” as crianças. É como se a criança que não faça tal coisa não será capaz de ir para a primeira série acompanhando os demais. E segundo FREITAS (2003), *“a parte mais dramática e relevante da avaliação se localiza aí, nos subterrâneos onde os juízos de valor ocorrem”*. (p. 45)

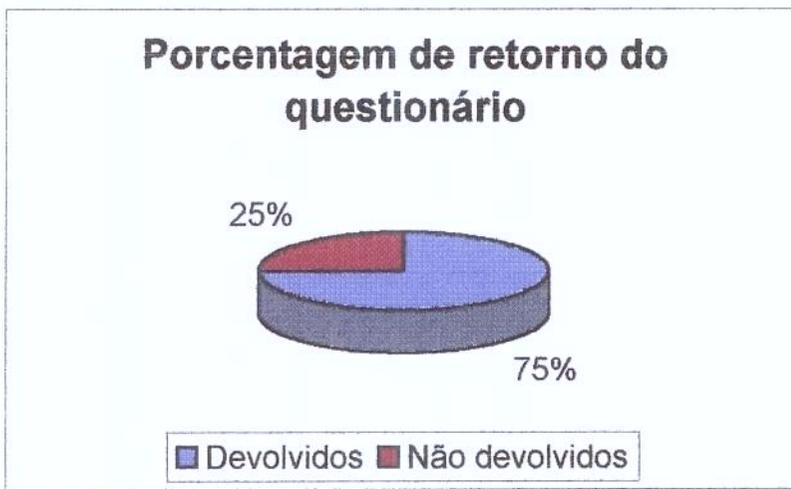
Mais uma vez toma-se a avaliação como forma de instrumento de controle das crianças, onde elas têm que alcançar certo patamar para estarem preparadas para ingressarem na primeira série.

As avaliações de valores, bem como de atividades exercidas durante o Pré vêm acompanhando as expectativas da sociedade em relação a essas crianças, as quais foram analisadas no tópico abaixo.

Assim, a Educação Infantil, por fazer parte da sociedade, reproduz o que se espera dela. Mais uma vez me remeto a FREITAS (2003) que diz que instituições como a escola, o exército, são formas de controle da sociedade, pois destas instituições são esperadas que se reproduzam uma determinada função.

7.12) AS EXPECTATIVAS DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

Ao receber da professora as respostas enviadas pelos pais ou responsáveis enviaram, pude constatar que quinze dos vinte responderam. Ou seja, cerca de 75% dos questionários entregues foram respondidos:

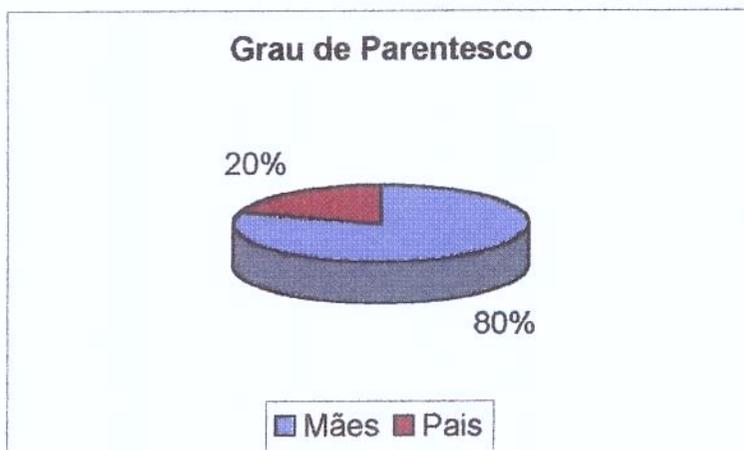


Acredito que foi um número considerável, já que alguns pais ou responsáveis dessas crianças trabalham o que dificultaria o preenchimento. Outro fator pode ser o curto espaço de tempo (uma semana) para eles entregarem o questionário respondido. Mas digo que estes foram suficientes para que pudesse compreender um pouco da expectativa dos pais e/ou responsáveis dessas crianças.

Após tê-los recebido comecei a leitura e a sistematização dos dados, procurando agrupar respostas próximas.

Diante disso, fiz a seguinte análise baseando-me nas respostas às questões:

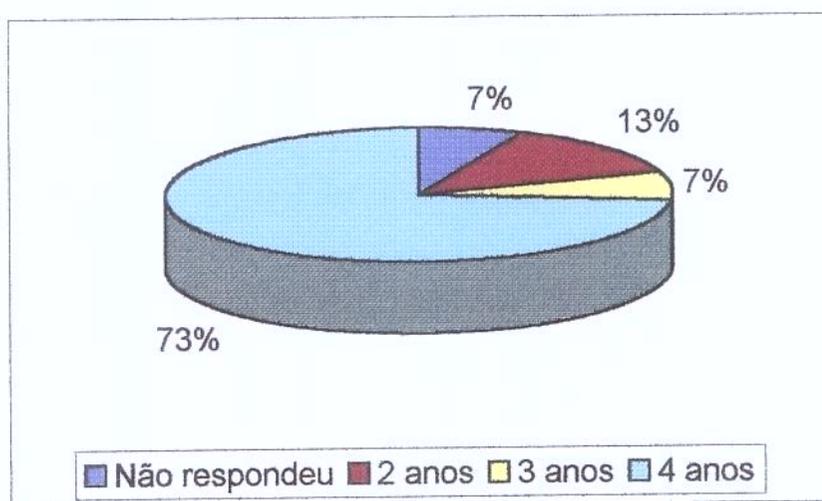
- Grau de Parentesco:



Buscando compreender quem seriam as pessoas que responderam estes questionários, procurei analisar o grau de parentesco com a criança.

Conforme podemos identificar no gráfico acima, das pessoas que responderam o questionário, 12 foram as mães e apenas os outros 3 foram os pais. Ou seja, houve uma predominância de mães nas respostas. Isto talvez deva-se ao fato de que algumas crianças possuem os pais separados, e estas moram com as mães. Ou mesmo por que algumas mães não trabalham e tenham mais tempo para responder do que os pais.

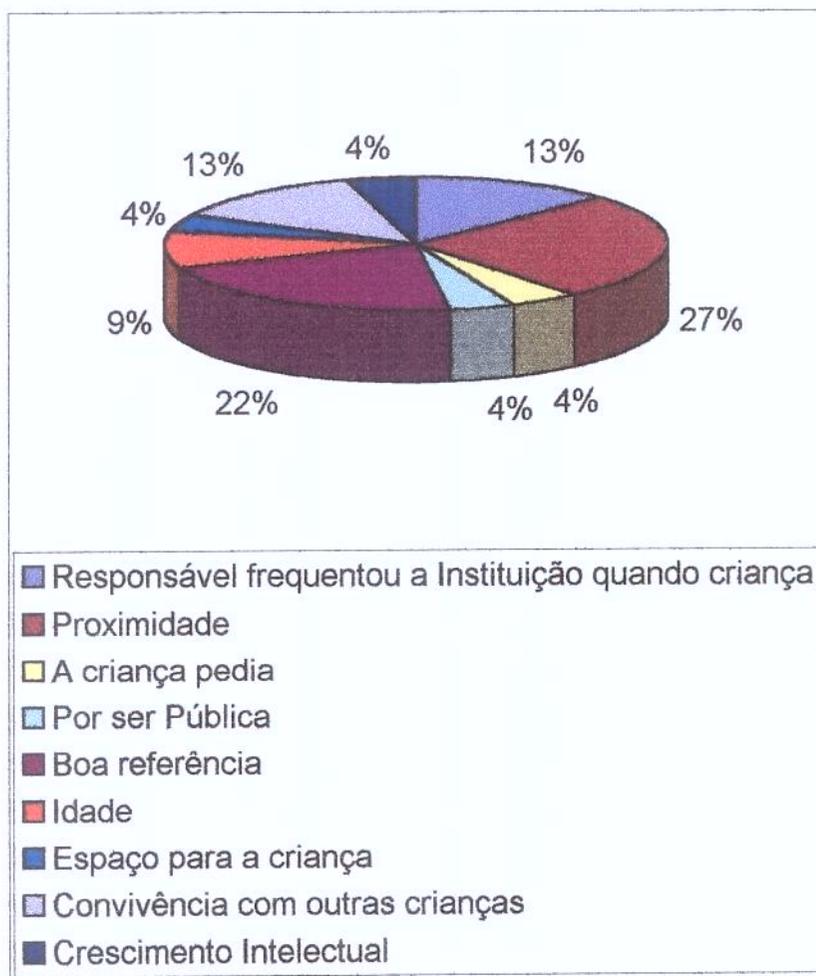
1) Desde que idade o seu filho freqüenta uma instituição de Educação Infantil (berçário, creche)?



Analisando o gráfico acima, percebemos que a maioria das crianças não freqüentou a creche. Duas crianças começaram com 2 anos e uma com 3 anos, o que nos leva a crer que apenas estas freqüentaram estas Instituições educativas. A maioria dos pais respondeu que as crianças começaram a freqüentar o Infantil I com 4 anos de idade.

Significa que as mães tinham quem cuidasse da criança (por exemplo a avó), até completarem os 4 anos.

2) Qual o motivo que o levou a colocá-lo nessa instituição?



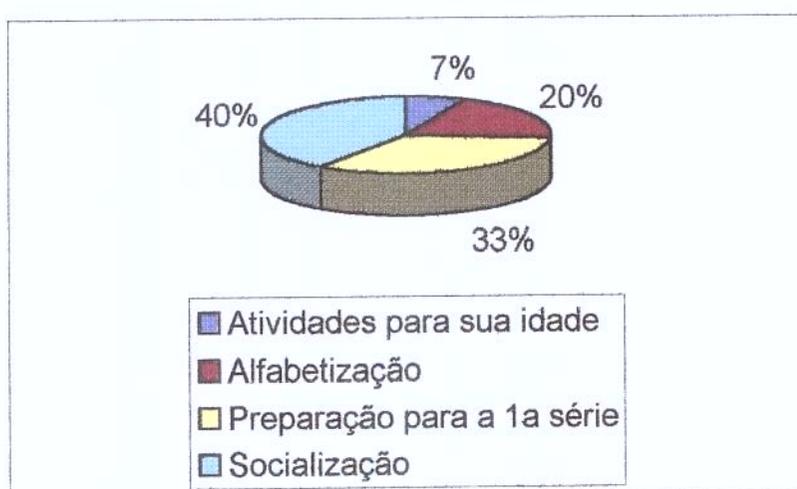
Das respostas entregues, percebemos que o fator predominante na escolha da Instituição foi a proximidade da casa dos responsáveis. Uma mãe respondeu que a Instituição ficava perto da casa da avó.

O segundo argumento foi a qualidade da Instituição. Para exemplificar nas palavras de um pai:

“Pessoas que tiveram parentes e filhos que já estudaram nesta EMEI disseram que o ensino é muito bom”

Dessa forma, percebe-se a preocupação com o aprendizado da criança, como um dos fatores para a escolha da Instituição de Educação Infantil.

3) O que você espera que ele vivencie no Pré? E você questiona a instituição sobre isso?



Dentre as preocupações dos pais em relação ao que seus filhos vivenciem no Pré, houve várias respostas, as quais pude agrupar em quatro grandes blocos: aprender atividades para a sua idade, alfabetização, preparação para a primeira série e a socialização das crianças com outras pessoas e outras crianças.

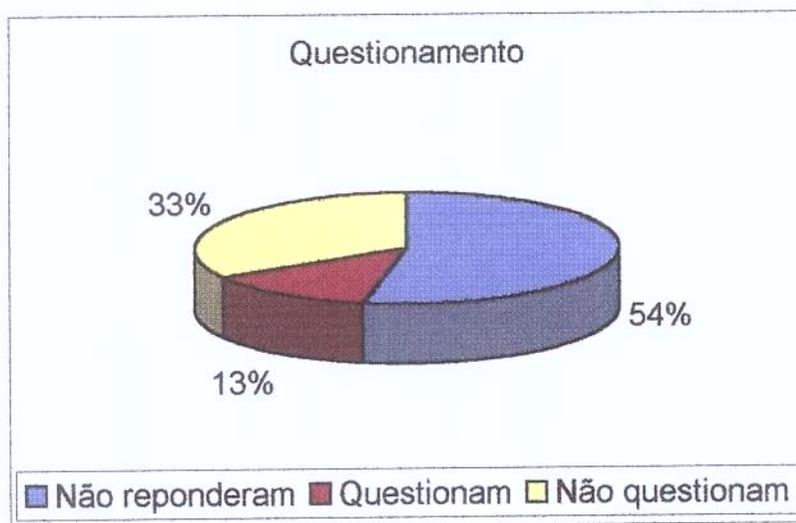
Pudemos verificar que neste caso, a maior parte dos pais responderam que a maior preocupação é a socialização das crianças com outras pessoas. Isso nos leva a crer que estes pais têm a conscientização de que o Pré não é lugar para alfabetizar.

Mas em contrapartida vê-se uma preocupação muito grande dos pais em relação a alfabetização. Se observarmos as respostas dos pais que responderam ter como

objetivo apenas alfabetizar os filhos, e os pais que responderam desejam que a Instituição preparasse-os para a 1ª. série, ambas pretendem que o Pré alfabetize. Se somarmos estas respostas vamos encontrar um percentual de 55% dos pais, o que daria um número maior dos pais que se esperam a socialização do seus filhos.

O fato de ter separado estas duas expectativas, deve-se ao fato de os pais que responderam desejam que a Instituição alfabetizasse não mencionaram necessariamente a “preparação para a 1ª. série”, embora possa ser o objetivo deles, considerando uma diferença nessas respostas. Os pais que se preocupam com a “preparação”, ao meu ver pensam em uma ESCOLA, e os pais que citaram que desejam a “alfabetização”, pensam em uma INSTITUIÇÃO que socialize e a alfabetização está implícita nesse raciocínio.

Apenas uma mãe respondeu que deseja que seu filho vivencie coisas de sua idade.



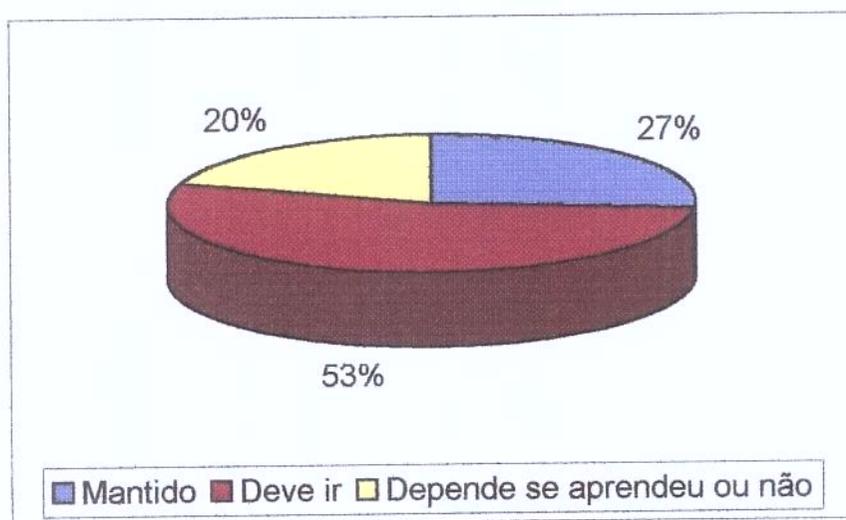
Como podemos verificar no gráfico acima, a maioria dos pais não responderam esta questão. Acredito que esse fato tenha ocorrido porque esta questão veio seguida de uma outra parecida.

Mas dos pais que responderam, apenas duas mães responderam que questionam a professora e a Instituição sobre o que as crianças estão fazendo e aprendendo. Dessa

forma percebe-se que não há muita interferência no desenvolvimento da Instituição, embora tenha havido uma grande defasagem na resposta desta questão, dificultando qualquer análise.

Quanto aos pais que não questionam a Instituição, dois disseram que não o fazem porque o desenvolvimento de seus filhos é evidente, uma porque acha que a Instituição é competente para realizar o trabalho e duas porque estão contentes com o trabalho da professora e com as reuniões.

4) Você acha que se seu filho não atingir os objetivos do Pré, ele deve ir para 1º série, ou deve ser mantido até que se consiga alcança-los? Por quê?



Como podemos verificar, a maioria dos pais acredita que os filhos devam ir para a 1ª. série. Dentre estes destacou-se a fala de uma mãe, ao questionar a minha pergunta dizendo o seguinte:

“Não consigo entender o que você chama de atingir os objetivos. Para mim o Pré é uma etapa válida (...)”

Mostrando que ainda existem pais conscientes de que na Instituição de Educação Infantil não se deve ter aspectos do Ensino Fundamental, como a obrigatoriedade de se ler e escrever.

Apesar de verificarmos que a maioria dos pais acham que os filhos devam ir para a 1ª. série do Ensino Fundamental, há aqueles que acreditam ser importante as crianças que não forem alfabetizadas permanecerem no Pré.

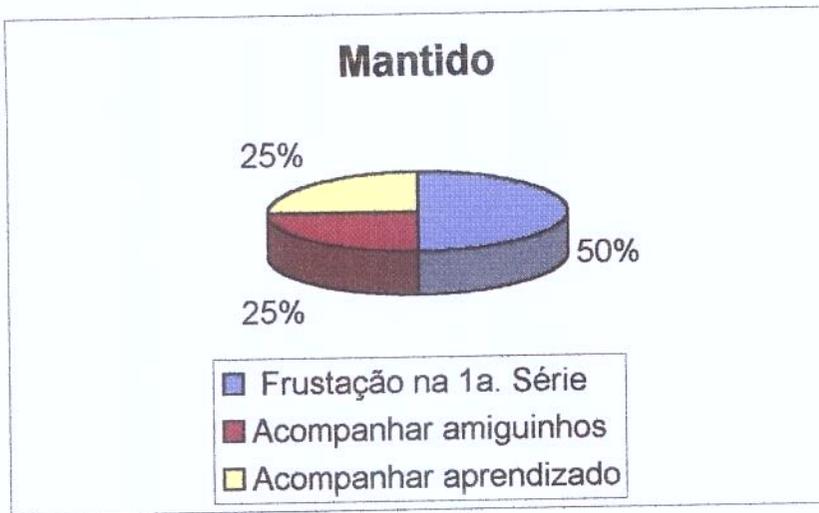
Dentre esses pais, alguns não responderam propriamente SIM, mas na fala deles se percebe o desejo de a criança permanecer no Pré até aprender, como no seguinte exemplo:

“Seria interessante que a criança saísse preparada para a 1ª. série, pois dessa forma seu desempenho seria muito melhor nos anos seguintes, e facilitaria o trabalho do educador.” (pai)

Ao responder isso, o pai mostra sua preocupação com a criança sair “preparada para o mundo”. Ou seja, que a Pré- Escola seja um espaço de vivências que “amadureçam a criança”, para que estas saibam como se comportar no Ensino Fundamental.

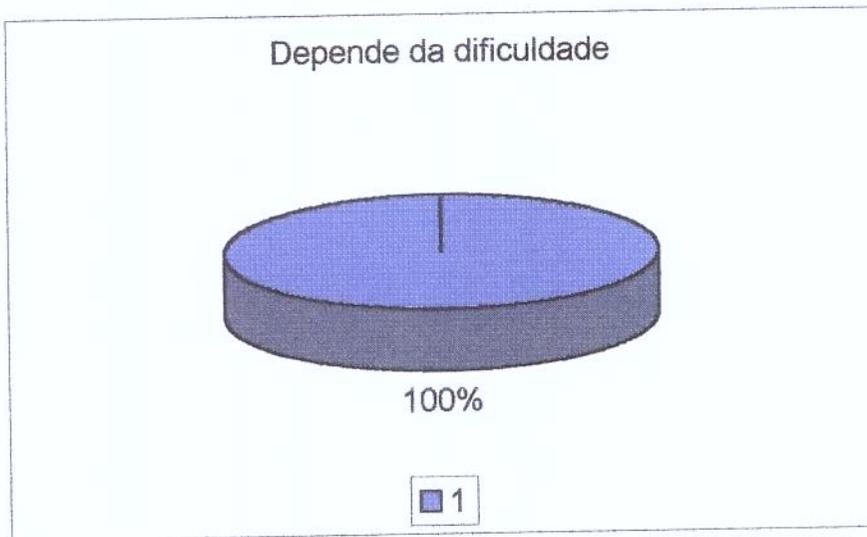
Teve pais ainda que disseram que gostariam que seu filho fosse para a 1ª. série, mas só se soubesse ler e escrever. Mostrando assim também a fragilidade de uma sociedade que se preocupa com o “vir a ser” da criança, valorizando apenas coisas que as aproximem do mundo adulto.

Dentre os que disseram que deveria ser mantido e os que disseram que não, fiz a análise abaixo:



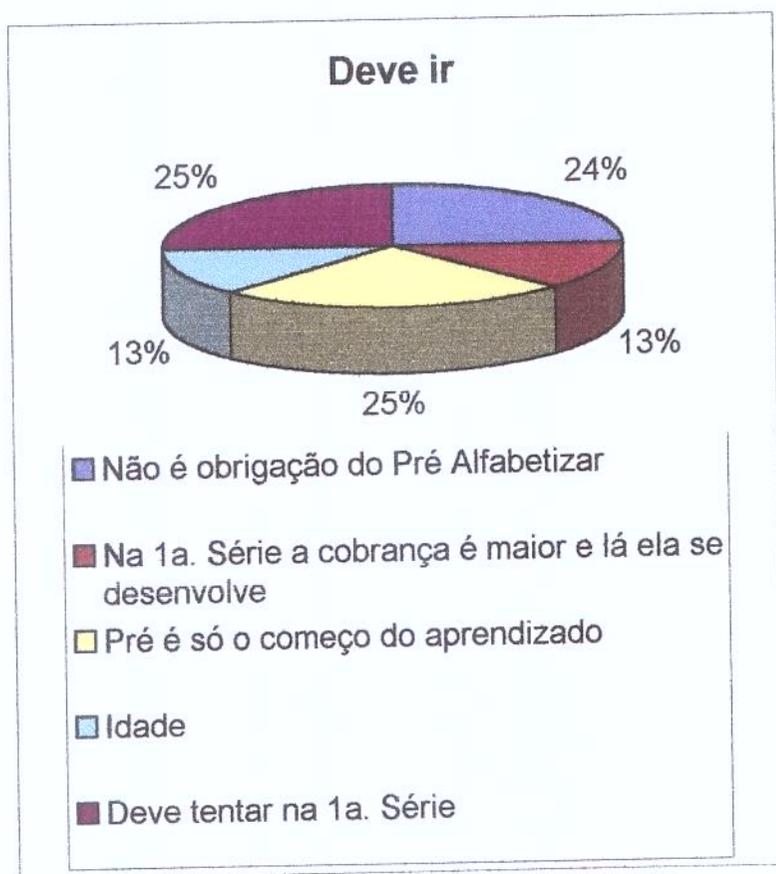
Quanto aos motivos que o fizeram responder que deveriam ser mantidos, vimos que a maioria se preocupou com a frustração da criança na 1ª. série de não saber ler e escrever. Dessa forma, a criança deveria ser “preparada no Pré” para que tivesse sucesso ao entrar na 1ª. série.

Os pais que responderam para acompanhar o aprendizado e os amiguinhos, de certa forma demonstraram a idéia de uma sociedade competitiva, e hierarquizada.



Dentre os pais que responderam que dependia da situação de dificuldade de seus filhos, todos enfatizaram que gostariam que seus filhos fossem para a 1ª. série, desde

que soubessem ler e escrever, mas se isto não ocorresse, a Instituição deveria chamá-los para conversarem e procurarem uma solução.



Das respostas dos pais que disseram que os filhos deveriam ir para a 1ª. série, os argumentos mais citados foram de fatos como: “não é obrigação do Pré alfabetizar”, “na 1ª. série a cobrança é maior”, “lá ela se desenvolve”, “Pré é só o começo do aprendizado”, “deve tentar na 1ª. série”.

Desses blocos vemos que a maior influência reside nos pais que responderam ser o Pré só o começo do aprendizado e não obrigação do Pré alfabetizar. Ou seja, esses pais mostram conceber uma visão de Educação sem a necessidade de seus filhos saírem preparados para o Ensino Fundamental. Isso em tese pode ser muito importante para a educação dos seus filhos, pois não haverá uma cobrança em cima das crianças.

Entretanto, os pais que responderam residir na 1ª. série a maior cobrança, já que nessa etapa as crianças se desenvolvem, mostraram uma fragilidade, pois apesar de serem conscientes que o Pré não deve reprovar, esperam que na 1ª. série do Ensino Fundamental a criança apresente resultados específicos e positivos. Interessando observar que na opinião deles, mesmo a criança não devendo ser reprovada no Pré, eles acabam consentindo com os objetivos estabelecidos da sociedade, como no exemplo da espera de um resultado positivo na 1ª. série.

8 – AMPLIAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA 9 ANOS

Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, observei a discussão e a apresentação de uma proposta do Governo sobre a ampliação do Ensino Fundamental para 9 anos. Preocupei-me com o assunto, já que as crianças de 6 anos seriam incorporadas ao Ensino Fundamental de 9 anos.

No *Relatório do Programa* cita-se o seguinte trecho:

“A ampliação em mais um ano de estudo deve produzir um salto na qualidade da educação: inclusão de todas as crianças de seis anos, menor vulnerabilidade a situações de risco, permanência na escola, sucesso no aprendizado e aumento da escolaridade dos alunos. Os processos educativos precisam ser adequados à faixa etária das crianças ingressantes para que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental aconteça sem rupturas traumáticas para elas.”

Parece haver uma preocupação em atender as crianças dessa faixa etária, a fim de ofertar a elas maior qualidade de ensino. O propósito lançado pelo Projeto é aumentar o número de crianças de baixa renda atendidas pelo sistema escolar, já que as crianças de classe média-alta freqüentam Instituições de Educação Infantil com essa idade. Este é um dos aspectos apresentados pelos que apóiam o Projeto.

Ainda sobre esse tópico, nas *Orientações Gerais*, fala-se o seguinte:

“No entanto, não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas de conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um Ensino Fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos.”

Dessa forma parece que há a preocupação de se levar em conta que esses “novos alunos” são crianças. Mas levanto alguns pontos que ainda me instigam: Haverá o

parque das crianças? Onde e como elas poderão brincar, se as Escolas do Ensino Fundamental não possuem, na maioria das vezes, espaços destinados a brinquedos?

Esse mesmo documento cita que a concepção de infância vem mudando ao longo dos tempos. Mas este mesmo documento apresenta a concepção de uma criança que precisa aprender a ler e escrever o mais rápido possível para que faça parte da sociedade letrada:

“Do ponto de vista pedagógico, é fundamental que a alfabetização seja adequadamente trabalhada nessa faixa etária, considerando-se que esse processo não se inicia somente aos seis ou sete anos de idade, pois, em vários casos, inicia-se bem antes, fato bastante relacionado à presença e ao uso da língua escrita no ambiente da criança.”

Novamente me pergunto: Qual será o tempo para as crianças brincarem? Como os interesses e necessidades lúdicas das crianças serão atendidas? Seria a alfabetização a necessidade mais importante da criança nessa idade? A alfabetização se tornaria a meta principal? Será que as crianças preferem aprender a ler e escrever do brincar, a trocar conhecimentos e os saberes nas brincadeiras de roda com seus amiguinhos?

Vale ressaltar ainda a preocupação capitalista que este documento traz ao dizer que:

“(…) será necessário, por parte dela (escola), um grande investimento na criação de um ambiente alfabetizador, que possibilite às crianças não apenas ter acesso ao mundo letrado, como também nele interagir.”

Tende-se a ressaltar a forma como essa criança vai agir na sociedade, e para ta ela precisaria estar alfabetizada o mais cedo possível.

Outro ponto fundamental reside na preocupação com a avaliação formal e informal dessas crianças. Elas serão avaliadas? Como se dará essa avaliação?

9 – CONCLUSÃO

Durante todo processo percorrido, do levantamento bibliográfico e da coleta e análise de dados até as análises feitas das entrevistas e pesquisa em campo, pude verificar que a nossa sociedade está repleta de valores condizentes com seus objetivos. Uma sociedade capitalista voltada para valores individuais, meritocráticos e a importância do mundo adulto como consumidor e reproduzidor de objetivos.

Nesse contexto a criança fica abandonada, apenas tendo importância, quando passa a ser consumidora, ou até mesmo mão-de-obra barata para os grandes empresários, preocupados somente com o lucro excessivo.

A avaliação dessas crianças nas Instituições de Educação Infantil não poderia ser diferente ao passo que esta mesma Instituição faz parte dessa sociedade e com isso presta serviço à interesses pré-estabelecidos por esta sociedade. Uma avaliação preocupada não com o desenvolvimento das crianças como um todo, como um processo de socialização, respeitando seus interesses e especificidades, mas sim uma avaliação preocupada com o que se faz para a aprender a escrever e a ler. Com isso, encurta-se o tempo vivencial do ser criança, do lúdico. Essas crianças estão amarradas a atitudes que acabam por prejudicar o seu processo natural de vivenciar as coisas no seu tempo. Muitas vezes as crianças sentiam vontade de brincar em momentos destinados a atividades a leitura e escrita, e estas eram impedidas ouvindo que “aquela não era hora de brincar”. Mas será que para a criança há tempo certo para se brincar? Para que disciplinar essas crianças nessa idade, se sabemos que no Ensino Fundamental elas não terão tempo nenhum para o parque, passando a ter apenas responsabilidades de adultos?

A Instituição pesquisada apresenta uma forma mais escolarizada, se preocupando com os conteúdos escolares, não se preocupando com as especificidades

dessa idade. Em minha opinião esse procedimento diminui ainda mais esse tempo de ser criança, e a avaliação entra nesse contexto como instrumento de legitimação desse processo. Durante o período pesquisado o que percebi foi uma avaliação subjetiva, de valores e atividades avaliadas, preocupada com a iniciação e preocupação do ingresso da criança na 1ª. série do Ensino Fundamental.

Vale ressaltar que essa Instituição acompanha as expectativas da maior parte dos pais, o que nos faz mais uma vez ressaltar a função desta Instituição. Baseando-me nas análises feitas sobre os questionários que os pais ou responsáveis responderam, verificamos a presença da cobrança desses valores. O Pré é tido como uma preparação para o “sucesso” da criança no Ensino Fundamental.

Com isso o que podemos verificar é uma certa desvalorização do lúdico, da brincadeira, do jogo, da experiência na educação dessas crianças, pois o que tinha importância eram as atividades que envolviam escrita e que deveriam ser concretizadas nos papéis como forma de registro de atividade executada. Apesar disso, as crianças sempre achavam um tempo “extra” para brincar e se divertir, mesmo que “aquele não era o momento” destinado a essa atividade. Apenas um momento inicial era destinado a fala e expressão das crianças: um momento de extrema importância, mas curto se comparado ao desejo demonstrado por elas em sala.

A avaliação embora não ocorra formal através de um Instrumento posto oficialmente, ocorre agora através do dossiê das atividades que as crianças desenvolvem no decorrer do semestre e do ano. Ou seja, todas as atividades de escrita e leitura que elas desenvolvem são consideradas, mas as atividades que envolvem brincadeiras, não o são. A avaliação informal também ocorre e acaba muitas vezes prejudicando o desenvolvimento das crianças pois as classifica e as destina a seguir ou permanecer na Pré-escola.

Gostaria de enfatizar que não sou contra a avaliação nesse momento da infância, pois esta pode ser importante para o desenvolvimento da criança se feita para conhecer cada criança e atender seus interesses e necessidades, sem a intenção de compara-la com adultos ou outras crianças.

Embora a avaliação encontrada na Instituição não tivesse o interesse de reprovar ou reter a criança, ela não era utilizada a favor da criança, mas é um preparo para o seu ingresso na 1ª. série do Ensino Fundamental.

Assim, vimos que a criança tem a obrigação de se preparar para o mundo adulto, escolarizando-se precocemente a fim de ingressar no mundo adulto competitivo e excludente e de submissão.

Em relação a ampliação do Ensino Fundamental para 9 anos, discutido no capítulo anterior, cito GODOI (200) que diz que:

“Cada vez mais, presenciamos uma visão em relação às crianças que as vê como um ser que deve ser iniciado e apressado o mais rápido possível, ou seja, precocemente a adquirir responsabilidades do mundo adulto (interesses do sistema capitalista), com isso elas estão deixando de desfrutar direitos e experiências próprios da infância.” (p. 157)

Se por um lado se questiona a diminuição do tempo da infância, por outro há quem diga ser importante a obrigação do Estado assistir essas crianças o mais cedo possível. Uma discussão relevante e que deve continuar a ser discutida por todos aqueles que se comprometem com uma educação de qualidade para as crianças desse nível de ensino.

10 – BIBLIOGRAFIA

- ANPED, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.
Parecer da ANPEd sobre o documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. *Revista Brasileira de Educação*, n.º 7, p. 89-96, 1998.
- BARRETO, Angela M. R. F. Educação Infantil no Brasil: desafios colocados. *Cadernos Cedes*. Campinas, SP. n. 37. p. 7-22, 1995.
- BECCHI Egle & BONDIOLI Anna (orgs) *Avaliando a pré-escola: uma trajetória de formação de professoras*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- BONDIOLI, Ana, MANTOVANI (Orgs). Trad. Rosana Severino Di Leoni e Alba Olmi. *Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos*. 9ª Edição, Artmed, p. 13-37, 1998
- BRASIL, MINISTÉRIO DO BEM ESTAR SOCIAL. Centro Brasileiro para a infância e adolescência. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, 1990.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Básica. *Ampliação do Ensino Fundamental para Nove Anos: Relatório do Programa*. Brasília: MEC/SEB/DPE/COEF, 2004.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Básica. *Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações Gerais*. Brasília: MEC/SEB/DPE/COEF, 2004.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DEPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. *Política Nacional de Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.

- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Da Educação Infantil*, lei n. 9394, D.O.U. de dezembro de 1996.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DEPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil. Volumes 1,2 e 3, 1998.
- CANÁRIO, Rui. Para de transformar crianças e adolescentes em alunos. In O futuro da escola, *Sinapse*, Folha de São Paulo, 29 de julho de 2003.
- CORREIO POPULAR. Criança precisa brincar. *Revista Metrópole*. Campinas, ano 4, n.º 170, p. 44-45, 2004.
- FARIA, Ana L. G. *Direito à Infância: Mário de Andrade e os parques infantis para as crianças de família operária na cidade de São Paulo (1935-1938)*. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, USP. São Paulo, 1993.
- _____. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação Infantil. In FARIA, Ana L. G., PALHARES, Marina S. (Orgs). *Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios*. São Paulo: Autores Associados, p. 67-97, 1999.
- FREITAS, Luiz C. *Ciclos, Seriação e Avaliação: Confronto de lógicas*. São Paulo: Moderna, 2003
- GODOI, Elisandra. G. *Avaliação na Educação Infantil: Um encontro com a realidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- _____. Avaliando a pré-escola: uma trajetória de formação de professoras. *Educação e Sociedade*. Vol. 24, n.º 82, p.327-330, 2003.
- _____. *Educação Infantil: Avaliação Escolar Antecipada?* Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação,

UNICAMP, 2000.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. Antropologia, processo educativo e oralidade: um ensaio reflexivo. *Pró-Prosições*. Vol. 14, N. 1 (40) – Pp. 197-213, Janeiro/Abril 2003

HANDEI, Gabriela. A Avaliação. *Centro de ciências da Educação*, Santa Catarina, periódico semestral, n.º 4, abr./ dez. 2001. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/cotidian4.html>. Acesso em 17 out. 2004.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a acriança*. Porto Alegre: Mediação, 1996

KISHIMOTO, Tizuko M. Os jardins de Infância e as escolas maternas de São Paulo no início da República. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.º 64, p. 57-60, 1988.

KUHLMANN, Moysés J. Educação Infantil e Currículo. In FARIA, Ana L. G., PALHARES, Marina S. (Orgs). *Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios*. São Paulo: Autores Associados, p. 51-65, 1999.

MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papyrus, 1990.

NASCIMNETO, Maria Evelyn P. Educação Infantil: a construção de um novo nível de ensino In BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DEPORTO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Situação da educação básica no Brasil*. MEC/INEP, p. 45-68, 1999.

PIOTTO, Débora Cristina, et.al. Promoção da Qualidade e Avaliação na Educação Infantil: uma experiência. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.º 105, p.52-77, 1998.

SIEBERT, Renate. O adulto frente a criança: ao mesmo tempo igual e diferente. In BONDIOLI, Ana, MANTOVANI (Orgs). Trad. Rosana Severino Di

Leoni e Alba Olmi. *Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos*. 9
Edição, Artmed, p. 77-87, 1998

WAJSKOP, Gisela. *Tia, me deixa brincar! O espaço do jogo na educação pré-
escolar*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, PUC,
1990.

11 – ANEXOS

11.1) ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM A DIRETORA:

1. Há quanto tempo existe a EMEI?
2. Desde quando você trabalha nessa instituição?
3. Qual o nível sócio-cultural e educacional dos pais?
4. Qual o critério para a criança ser matriculada nessa instituição?
5. Quantos anos tem as crianças de cada “estágio”?
6. Qual é o critério utilizado para a passagem de um “estágio” para o outro?
7. Qual o envolvimento da comunidade com a instituição? Os pais costumam participar das atividades? Se não, quais são os possíveis motivos.
8. As famílias costumam questionar o que acontece no espaço dentro da instituição? Eles priorizam alguma coisa? (alfabetização, por exemplo)
9. Se a Educação Infantil não é obrigatória, quais seriam as possíveis causas que os pais colocam seus filhos nas EMEI's?

10. A instituição segue alguma orientação da Prefeitura de Valinhos? Ou cada EMEI tem autonomia para trabalhar?

11. Como é construída a Proposta Pedagógica e o Planejamento? E qual é ela?

11.2) ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM A PROFESSORA:

1. Quando e onde você se formou?
2. Você sempre trabalhou com Educação Infantil? Se não, desde quando você trabalha nessa área da Educação, em especial no Pré?
3. Você acredita ser importante a criança viver essa fase em uma instituição de educação? Porque? O que ela poderá ganhar ou perder com essa experiência?
4. As atividades que você planeja para as crianças do Pré costumam ser desenvolvidas mais individualmente ou em grupo?
5. O que é avaliar na Pré-Escola?
6. Como acontece a avaliação solicitada pelo município? O que se avalia? E para que se avalia?
7. Se acaso a criança não atinja os objetivos específicos da avaliação no Pré, ela pode ser retida?

8. Em sua opinião, o que os pais esperam que as crianças do Pré saibam?

11.3) BILHETE PARA OS PAIS:

EMEI Jardim Imperial

Senhores pais das crianças do Pré

Você está recebendo um questionário para ser respondido, o qual faz parte do trabalho que está sendo desenvolvido aqui na escola pela estagiária de Pedagogia.

Peço a colaboração e atenção de todos.

Obrigada

A Direção

11.4) ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS



UNICAMP Faculdade Estadual de Campinas – UNICAMP

Sou aluna do curso de Pedagogia da UNICAMP, e estou realizando um estudo para compreender melhor a Educação Infantil, no que diz respeito ao Pré.

Para isso, gostaria de pedir a colaboração do responsável pela criança, para o preenchimento do questionário abaixo, o qual deverá ser preenchido livremente com o que se pensa sobre o assunto, para que assim eu possa conhecer a opinião da família sobre a educação dos seus filhos.

As informações ajudarão o meu trabalho. Por isso, desde já agradeço a compreensão e a paciência.

Grau de parentesco da criança: _____

1. Desde que idade o seu filho frequenta uma instituição de Educação Infantil (berçário, creche)?
2. Qual o motivo que o levou a colocá-lo nessa instituição?
3. O que você espera que ele vivencie no Pré? E você questiona a instituição sobre isso?
4. Você acha que se seu filho não atingir os objetivos do Pré, ele deve ir para a 1º série, ou deve ser mantido até que se consiga alcança-los? Por quê?

11.5) INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO - EMEI

Nome do Aluno: _____ Data de Nasc.: ____/____/____

Infantil I - Prof. _____ Pré - Prof. _____

Infantil II - Prof. _____

ASPECTO AFETIVO	NIVEL					
	INFANTIL I		INFANTIL II		PRÉ	
	1º SEM.	2º SEM.	1º SEM.	2º SEM.	1º SEM.	2º SEM.
Tem iniciativa para perguntar						
Demonstra interesse por coisas novas						
Inicia, persevera e conclui suas tarefas						
Expressa-se de maneira criativa						
Apresenta sugestões próprias						
Realiza suas tarefas com independência						
Solicita informações						
Supera as dificuldades com as quais se depara						
Porturba a ordem da classe						
Precisa de intervenção da professora para realização de tarefas						
ASPECTO SOCIAL	INFANTIL I		INFANTIL II		PRÉ	
Compartilha brinquedos, jogos e materiais						
Participa de todas as atividades						
Compreende e executa as regras elaboradas pelo grupo						
Realiza com coerência sua auto-avaliação						
Sabe dar oportunidade aos colegas						
Transmite recados						
Assume e cumpre pequenas responsabilidades						
Espera sua vez de falar						
Sabe ouvir as outras pessoas						
Usa as regras essenciais de cortesia						
Realiza sua higiene com autonomia						
Utiliza de maneira adequada o material						
Organiza o próprio material						
Organiza o material de uso comum						
Auxilia na ordem e limpeza da sala						

LEGENDA: Aspecto Afetivo e Aspecto Social
 F: freqüentemente R: raramente

ASPECTO PERCEPTIVO MOTOR	INFANTIL I		INFANTIL II		PRÉ	
	1º SEM.	2º SEM.	1º SEM.	2º SEM.	1º SEM.	2º SEM.
Anda coordenadamente em atividades variadas						
Mantém o equilíbrio com o corpo						
Mantém o equilíbrio com objetos						
Traça linhas						
Traça letras						
Executa movimentos de pinça						
Recorta						
Faz uso adequado da cola						
Enfia e encaixa materiais diversos						
Constrói utilizando diferentes materiais						
Mostra-se independente ao vestir-se, despir-se e calçar-se						
Dá forma a diferentes tipos de massa						

LEGENDA: Aspecto Perceptivo-Motor

S: sim

AN: ainda não

N: não

ASPECTO COGNITIVO	INFANTIL I		INFANTIL II		PRÉ	
	1º SEM.	2º SEM.	1º SEM.	2º SEM.	1º SEM.	2º SEM.
Demonstra boa compreensão dos temas do conhecimento social						
Relata experiências de seu meio físico e social						
Identifica nomeando partes do seu corpo						
Usa expressões claras e lógicas nos relatos						
Possui um bom vocabulário						
Realiza imitações e mímicas						
Descreve e responde organizando frases						
Entende e atende ordens claras e simples						
Entende e atende ordens complexas						
Reproduz histórias com detalhes						
Menciona mudanças e versinhos						
Ao desenhar ocupa o espaço total da folha de maneira coerente						
Ao desenhar utiliza-se de diferentes materiais e técnicas						
Seus desenhos encontram-se na fase:						

LEGENDA: Fases do Desenho

RF: Realismo Fortuito

RG: Realismo Corado

RI: Realismo Intelectual

RV: Realismo Visual

Reconhece a escrita do próprio nome						
Traça a escrita do próprio nome						
Reconhece letras						
Nomeia letras						
Escreve sem medo de errar						
Faz uso de uma repertório amplo de letras						

SÉRIÇÃO	
Faz seriação com pedras numeradas (até três objetos)	
Faz seriação com mais de três objetos	
Faz seriação com objetos e faz intercalação em uma série já construída	
LEGENDA: Aspecto Cognitivo - Seriação	
EE - Utilização de ensaio e erro	TE - Utiliza conhecimentos prévios
ES - Utiliza-se de estratégias	EV - Resposta com tentativas ordenadas
Preenche o espaço deixado entre dois pontos utilizando-se de	
Espaço	
Capo	
Perdo:	
Distância	
Tempo	
Ordem e direção	
Com resata	
Com resata	
antes - depois	
Quem	
Como	
Porque	
Relações Causais	
Constrói o efeito a partir da causa	
Descreve a causa a partir do efeito	
OBSERVAÇÕES	
LEGENDA: Aspecto Cognitivo	
AN - Análise	N - Não
NÍVEL - INFÂNCIA I	
1º Semestre	
Assinatura do Professor	
Assinatura do F. de Responsável	
Assinatura do F. de Responsável	
Assinatura do F. de Responsável	